

TRABALHO DE RECUPERAÇÃO - 3º TRIMESTRE 2023

ALUNO (A): _____ TURMA: _____

VALOR: 16,0 Nota: _____

INSTRUÇÕES: Todas as questões devem ser respondidas a CANETA.

Texto para as questões 01 a 04:

TEXTO I

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. (...) Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

(Clarice Lispector. “Amor”. In: Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 20-21.)

QUESTÃO 01. Dentro do contexto do conto “Amor”, por que a tarde é chamada de “hora perigosa”?

QUESTÃO 02. O que quer dizer o narrador com a expressão “à revelia deles”?

QUESTÃO 03. Qual expediente a protagonista tomava para conseguir escapar da “hora perigosa da tarde”?

QUESTÃO 04. Dentro da lógica do conto, os móveis amanhecerem empoeirados era um fato positivo ou negativo?

Texto para as questões de 05 a 08.

TEXTO II

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se apumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria carregando-lhe o volume. Mas os ovos haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida. Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal está feito. A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito.

(Clarice Lispector. “Amor”. In: Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 22.)

QUESTÃO 05. O que indica, dentro da lógica do conto e principalmente da história de vida da protagonista, que “uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível”?

QUESTÃO 06. O que simboliza em “Amor” a quebra dos ovos, que passa a incomodar Ana?

QUESTÃO 07. Explique a seguinte declaração sobre a rede de tricô: “não íntima como quando a tricotara”.

QUESTÃO 08. O que o narrador quer dizer com a expressão recorrente “o mal estava feito”?

Texto para as questões de 09 a 12.

TEXTO III

(...) Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoada — erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. (...)

(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas.)

QUESTÃO 09. Uma das principais características da obra de Guimarães Rosa é sua linguagem artificialmente inventada, barroca até certo ponto, mas instrumento adequado para sua narração, na qual o sertão acaba universalizado. Transcreva um trecho do texto apresentado, onde esse tipo de “invenção” ocorre.

QUESTÃO 10. Transcreva um trecho em que a sintaxe utilizada por Rosa configura uma variação lingüística que contraria o registro prescrito pela língua padrão.

QUESTÃO 11. Normalmente, na construção de um texto, é comum um pronome recuperar um elemento anterior, como em “Fome Zero, abraça essa causa!” No trecho de Guimarães Rosa, há uma situação oposta, em que o elemento recuperado aparece depois do pronome. Identifique essa situação.

QUESTÃO 12. De acordo com o fragmento, qual a importância de Deus?

QUESTÃO 13. O movimento concretista no Brasil tem traços originários na revista *Noigandres*, publicada em 1952. Contudo, como movimento literário, passou realmente a ganhar força a partir da Exposição Nacional de Arte em São Paulo. Dessa forma, explicita os conhecimentos de que dispõe acerca das características que o demarcaram.

Texto para as questões de 14 e 15:

TEXTO IV

Leia abaixo dois excertos de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto:

“Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade.” (...)

“– Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos. – Mas ler agora, com esse escuro? – Acendes o fogo lá fora. – Mas, com a chuva, a lenha toda se molhou. – Então vamos acender o fogo dentro do machimbombo. Juntamos coisa de arder lá mesmo. – Podemos, tio? Não há problema? – Problema é deixar este escuro entrar na cabeça da gente. Não podemos dançar nem rir. Então vamos para dentro desses cadernos. Lá podemos cantar, divertir.”

(Mia Couto, *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.10 e 152.)

QUESTÃO 14. No primeiro excerto, descreve-se a relação da personagem com o espaço narrativo. Considerando o conjunto do romance, caracterize a identidade narrativa de Muidinga em relação a esse espaço e explique por que o território era “despido de brilho”.

QUESTÃO 15. No segundo excerto, o diálogo das duas personagens principais do romance aborda a questão da leitura e sua função para a situação existencial dos protagonistas. Explique o que seriam os “escritos” e “cadernos” mencionados e por que neles os protagonistas poderiam “cantar e divertir”.

Texto para as questões 16 a 18:

TEXTO V

Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema.
O preço do arroz
não cabe no poema.

Não cabem
no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne

do açúcar
do pão
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila
seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras [...]

(GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.)

QUESTÃO 16. O eu lírico faz uma lista de elementos que não cabem no poema. Identifique-os.

QUESTÃO 17. Que aspecto da vida das pessoas comuns o eu lírico destaca com essa lista?

QUESTÃO 18. Na segunda estrofe, o eu lírico utiliza expressões para caracterizar o trabalho do funcionário público. O que esses termos indicam sobre as atividades exercidas por esses trabalhadores?

Texto para as questões 19 e 20:

TEXTO VI

O auto da Compadecida

JOÃO GRILO - Eu, pelo contrário, estou me sentindo muito bem. Sinto-me como se minha alma quisesse cantar. BISPO, estranhamente emocionado. - Eu também. É estranho, nunca tinha experimentado um sentimento como esse. Mas é uma vontade esquisita, pois não sei bem se ela é de cantar ou de chorar. *(Esconde o rosto entre as mãos. As pancadas do sino continuam e toca uma música de aleluia. De repente, João ajoelha-se, como que levado por uma força irresistível e fica com os olhos fixos fora. Todos vão-se ajoelhando vagarosamente. O Encourado volta rapidamente as costas, para não ver o Cristo que vem entrando. É um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos. A cena ganha uma intensa suavidade de Iluminura. Todos estão de joelhos, com o rosto entre as mãos.)*

[...]

JOÃO GRILO - Jesus?

MANUEL - Sim.

JOÃO GRILO - Mas, espere, o senhor é que é Jesus?

MANUEL - Sou.

JOÃO GRILO - Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

JESUS - A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO - Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

BISPO - Cale-se, atrevido.

MANUEL - Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou. Muita oportunidade teve de exercer sua autoridade, santificando-se através dela. Sua obrigação era ser humilde porque quanto mais alta é a função, mais generosidade e virtude requer. Que direito tem você de repreender João porque falou comigo com certa intimidade? João foi um pobre em vida e provou sua sinceridade exibindo seu pensamento. Você estava mais espantado do que ele e escondeu essa admiração por prudência mundana. O tempo da mentira já passou.

JOÃO GRILO - Muito bem. Falou pouco mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto. [...]

(Ariano Suassuna. Disponível em <diogoprofessor.blogspot.com/> Acesso em 19/11/2023)

QUESTÃO 19. Que ideia o leitor pode construir dos personagens João Grilo e o Bispo?

QUESTÃO 20. De que forma as características de cada personagem são reveladas, se não há narrador?
